

Nos Domínios da Mediunidade

Capítulos XI e XII

capítulo XI – Desdobramento em Serviço

Neste capítulo, vemos a atividade do médium Antonio Carlos, descrito como “profundamente concentrado, denotava a confiança com que se oferecia aos objetivos do serviço” – aqui uma observação para melhor intercâmbio com a espiritualidade: que os médiuns precisam manter **concentração e confiança**, ações que promovem melhores resultados na atividade.

Aproxima-se Clementino e aplica-lhe passes de longo circuito. Castro parece adormecer devagarinho, do tórax emana um vapor esbranquiçado como uma nuvem e se transforma numa duplicata do médium em tamanho ligeiramente maior. No plano astral, logo percebem que Castro aparece um tanto estranho: muito maior, e com coloração azul à direita e alaranjada à esquerda. Tentou se movimentar, mas, parecia pesado e inquieto. André Luiz observa as reações do corpo físico que “engole” certas faixas de energia do perispírito, e a partir de então o porte característico é restabelecido e Castro, no plano astral já consegue se mover com agilidade. Clementino, incentiva o médium com palavras amigas; no plano espiritual, o orientador esclarece ao grupo o que ocorreu no desdobramento – agora, uma breve explicação sobre algumas das camadas corpóreas que compõem o conjunto espírito e corpo carnal. Aulus esclarece que, durante o desdobramento, no primeiro momento o corpo astral estava revestido com os eflúvios vitais que asseguram o equilíbrio entre “alma” e “corpo físico” o **duplo etérico**. Essas energias foram devolvidas ao físico o que restabeleceu a harmonia e o desdobramento realizado com sucesso.

Seguem algumas explicações sobre a capacidade de plasmar a aparência desejada no plano astral e, também, a informação de que se o espírito recebesse algum trauma (por exemplo: um tapa) o corpo acusaria e reclamaria sobre o ocorrido. Resumo, os corpos continuam unidos e “sentem” o que acontece entre si.

Chegamos à atividade propriamente dita: dois guardas que acompanham o grupo espiritual, colocam uma espécie de capacete em Castro desdobrado, para que a atenção do mesmo não se disperse, reduzindo a interferência dessa distração. Castro seguindo com os dois guardas, começa o relato no corpo físico para os demais presentes na reunião: relata o caminho estreito e escuro, o medo que sente, o amparo que recebe de Rodrigo e Sérgio (os guardas citados), Castro ainda está muito assustado e com receio de prosseguir. No plano físico, Raul intensifica as orações e essas vibrações do grupo chegam a Castro, tranquilizando e incentivando o companheiro a prosseguir. O médium relata que ultrapassaram as trevas e chegaram a uma cidade de luz. Castro reconhece Oliveira (um trabalhador da casa que havia desencarnado) e, relatando esse encontro, através do corpo físico, para o grupo encarnado se emociona tanto como

Castro que segue relatando a mensagem que Oliveira dedica aos companheiros ainda encarnados. Após alguns instantes, Castro retorna ao corpo físico com naturalidade.



capítulo XII – Clarividência e Clariaudiência

Neste capítulo, vemos a descrição do término da reunião espírita. Raul Silva direciona o grupo para as orações finais, para refazimento do grupo e auxílio aos sofredores ainda presentes. Realizam, também, a fluidificação da água que recebe a magnetização de Clementino – **a finalização das atividades não difere muito entre as diversas casas.**

Os médiuns: Celina, Eugênia e Castro aguçam suas atenções. Clementino aplica-lhes passes na região frontal para ajudar na percepção de cada um e, também, regulando a capacidade dessa percepção para não ultrapassar o limite que cada um pode “aguentar” em sua faixa de serviço sem causar desequilíbrio.

Hilário um dos espíritos que estão acompanhando espiritualmente, questiona se os trabalhos espirituais são iguais entre os três médiuns, Aulus explica que não; cada espírito está em sua faixa de evolução e apesar da faculdade medianímica poder ser idêntica, cada médium emprega de maneira diversa.

Após a explicação, Hilário pergunta se a clarividência e clariaudiência estão localizados nos órgãos do corpo físico; segue a resposta de Aulus: os órgãos físicos são complementos como óculos para ver e amplificadores para ouvir, **toda percepção é mental.** É possível que cegos e surdos, se treinados na mediunidade possam ver e ouvir os espíritos.

Vamos observar a percepção dos 3 médiuns e a análise dos espíritos sobre cada um:

Celina: “enxerga e ouve” Clementino com muita precisão e clareza.

Eugênia: assimilou tudo de forma intuitiva.

Castro: não percebeu nada nem de leve.

Aulus explica a Hilário e André Luiz que Celina e Castro tem maiores possibilidade mediúnicas de clarividência e clariaudiência que Eugênia e descreve cada um:

Celina, percebe a aproximação do marido desencarnado, mas, atenta e consciente de suas responsabilidades, mentalmente diz que conversarão mais tarde e consegue perceber na íntegra a mensagem.

Eugênia, por tem menor percepção nestas mediunidades, apenas assinalou na intuição a mensagem de Clementino.

Castro, apesar de médium dedicado, de súbito, mudou seu foco, buscando o encontro com sua mãe desencarnada, e assim, não conseguiu perceber a mensagem de Clementino.

Raul solicita mais alguns instantes para possível manifestação de algum orientador espiritual com instruções para a casa e finalização da reunião.

Celina pede para notificar que viu surgir no recinto um rio cristalino onde muitos enfermos se banhavam.

Eugênia disse ter visto um edifício repleto de crianças que cantavam hinos louvando a DEUS.

Novamente, Hilário questiona que não percebeu nenhuma dessas imagens e é esclarecido por Aulus: ambas as médiuns, ligadas a faixa mental de Clementino, perceberam as imagens relacionadas as obras de instituição para auxílio ao próximo e formação de uma escola que em breve deverão ser implementadas.

Ser espírita não retira os problemas de nossas vidas nem nos torna imunes a falhas. Precisamos manter o máximo de atenção quando participamos de reuniões de trabalho nossa participação será mais efetiva; e em nossa vida, mantendo uma vibração mais elevada, conseguiremos perceber mais o auxílio que recebemos da espiritualidade.



Abaixo trechos de 3 livros: “O Livro dos Médiuns”, “Conceitos e Características da Mediunidade” e transcrição do 1º capítulo de “Nos Domínios da Mediunidade”(para reforçar), apenas para indicar algumas fontes de pesquisa que achei interessante para quem quiser complementar a leitura.

Mediunidade é o nome atribuído a uma capacidade humana que permite uma comunicação entre [homens](#) e [Espíritos](#). Ela se manifestaria independente de religiões, de forma mais ou menos intensa em todos os indivíduos. Porém, usualmente apenas aqueles que apresentam num grau mais perceptível são chamados **médiuns**.

Assim, um espírito que deseja comunicar-se entra em contato com a mente do médium e, por esse meio, se comunica oralmente (psicofonia), pela escrita (psicografia), ou ainda se faz visível ao médium (vidência).

[Allan Kardec](#), o codificador da [Doutrina Espírita](#), descreve também fenômenos de ordem física, como batidas (tiptologia), escrita direta (pneumatografia), voz direta (pneumatofonia), e ainda materializações [ectoplasmáticas](#) em que o espírito desencarnado se faz visível e até palpável aos presentes no ambiente onde ocorra o fenômeno. Outras formas de comunicação com os espíritos podem ser encontradas em [O Livro dos Médiuns](#).



Conceitos e Características da Mediunidade

João Neves

O estudo de uma faculdade de natureza biológica ou psíquica tanto mais eficiente se revela quanto maiores oportunidades tem o investigador de processá-lo ao natural, na vivência e movimentação dos indivíduos que detêm a faculdade de estudar.

E tais oportunidades, com relação à mediunidade, Allan Kardec as teve ou as criou, aproveitando-as magistralmente para compor O Livro dos Médiuns, de onde se extrai a admirável síntese conceptual com que ele, o Codificador abre o capítulo XIV da obra:

"Todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos é, por esse fato, médium..."

Nesta colocação, o verbo sentir expressa a ideia básica sobre a mediunidade: um sentido psíquico, de ordem paranormal, capaz de ampliar o alcance preceptivo do ser, conferindo-lhe uma aptidão para servir de instrumento para a comunicação dos Espíritos com os homens, estabelecendo uma ponte entre realidades vibratórias diferentes.

"...Essa faculdade é inerente ao homem; não se constitui, portanto, privilégio exclusivo. Por isso mesmo, raras são as pessoas que dela não possuem alguns rudimentos. Pode, pois, dizer-se que todos são, mais ou menos, médiuns. Todavia, usualmente, assim só se classificam aqueles em quem a faculdade mediúnica se mostra bem caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade, o que então depende de uma organização mais ou menos sensitiva..."

Há, portanto, dois níveis bem definidos de mediunidades: um, **ostensivo**, explícito e bem caracterizado em que o pensamento dos Espíritos comunicantes - apesar das influências do médium - pode sobrepor-se ao deste, e outro, **discreto, velado**, a manifestar-se no campo da inspiração em que o pensamento incidente se mescla ao do médium sem sobrelevar-se ao mesmo.

A **mediunidade ostensiva** - podemos chamá-la, também, de **dinâmica** pelos poderosos circuitos de força que dá origem - é uma prova que o médium pode elevar à categoria de missão pela forma dedicada e responsável como exerce o seu mediunato. Trata-se de um compromisso assumido com a própria consciência para resgate de faltas ou abertura de novos roteiros evolutivos. O Perispírito do reencarnante candidato à mediunidade é trabalhado pelos Benfeitores Espirituais, na fase preparatória que antecede à reencarnação no sentido de se lhes ajustar as estruturas para que, no momento próprio, se abram ou se ampliem as percepções extrafísicas. O ser como que é adestrado para a tarefa que o espera; ele se apropria de uma ferramenta de que necessita para se reajustar com a Vida. Algumas vezes, o tipo de vida que levou antes da encarnação como médium abalos emocionais intensos, pressões espirituais decorrentes de processos obsessivos, além de outros fatores - promove as aberturas psíquicas responsáveis pelos registros mediúnicos de então: é como se a Lei Divina colocasse na dor decorrentes de aflições e quedas o princípio qualitativo,

automático, regularizador da evolução do ser que se movimenta nas marchas e contramarchas da evolução.

Se tomarmos, à guisa de exemplo, a psicografia e a psicofonia, que são as formas mais comuns de mediunidade de efeitos intelectuais, veremos que, médiuns ostensivos, dadas as características de maior expansibilidade e magnetização especial de seus perispíritos, operarão por contacto perispiritual direto com os Espíritos comunicantes, expressando objetivamente as ideias desses comunicantes. Veremos ainda que, conforme a maior ou menor intensidade da imantação ou independência em relação aos implementos físicos, farão transes automáticos mecânicos em psicografia e inconscientes em psicofonia – semimecânicos em psicografia e conscientes em psicofonia.

Já com o nível de mediunidade discreto ou velado - podemos ainda chamá-lo de **estático** -o que ocorre é uma inspiração. O médium age captando, tão somente, as correntes do pensamento do espírito comunicante, absorvendo-as e entrelaçando-as com as suas próprias ideias. **"...A inspiração nos vem dos Espíritos que nos influenciam...Ela se aplica em todas as circunstâncias da vida, às resoluções que devemos tomar. Sob esse aspecto, pode-se dizer que todos são médiuns..."**

Podemos afirmar ainda que essa mediunidade estática se expressa de forma particular e especial na sintonia com o *"anjo guardião"* e, por intermédio dele, com os espíritos familiares e protetores. Pelo menos, parece ser este o plano divino, haja vista as lúcidas palavras de Santo Agostinho e São Luiz, na questão 495 de O Livro dos Espíritos: **"Não receeis afadigar-nos com as vossas perguntas: ao contrário, procurai sempre estar em relação conosco. Sereis mais fortes e mais felizes. São essas comunicações de cada um com o seu Espírito familiar que fazem sejam médiuns todos os homens"**.

A tais palavras mais tarde, o Espírito Channing, nas Dissertações do cap. XXXI de O Livro dos Médiuns, aditaria: **"Escutai essa voz interior, esse bom gênio que incessantemente vos fala e chegareis a ouvir o vosso anjo guardião...Repito: a voz interior que vos fala ao coração é a dos Bons Espíritos e é desse ponto de vista que todos são médiuns"**. Kardec conclui a sua belíssima definição sobre os médiuns, afirmando: **"...É de notar-se, além disso, que essa faculdade não se revela da mesma maneira em todos. Geralmente, os médiuns têm uma aptidão especial para os fenômenos desta ou daquela ordem, donde resulta que formam tantas variedades, quantas são as espécies de manifestações"**.

Se a mediunidade se mostra variada no tocante à intensidade, ainda mais diversificada se revela sob o aspecto das formas, modalidades e tipos de fenômenos que propicia. Paulo dizia: **"Há diversidade de dons, mas um mesmo é o Espírito"**. Ora, investido o médium de determinadas características e apto para certas mediunidades jamais conseguirá reduzir outras se a sua natureza não o permitir. Assim sendo, a especificidade de cada médium faz com que não existam médiuns nem mediunidades iguais.

Um outro dado que se pode inferir da definição de Kardec é a natureza orgânica da mediunidade. Quando isto se afirma não se pretende alijar o espírito ou colocá-lo à margem do processo mediúnico. Porventura não dependem as estruturas psicobiófísicas do homem da sua realidade espiritual? Com a mediunidade se dá o mesmo; ela é uma faculdade do espírito que se define e se delinea nas estruturas do Perispírito para emergir na organização física onde está plantada. Imprescindível, portanto, **organizações perispiritual e celular compatíveis** a fim de que a mesma se manifeste como fenômeno. Semelhantes organizações, o próprio trabalho mediúnico as desenvolve e aprimora, podendo-se afirmar

que a mediunidade é, além do mais, evolutiva. Imaginemos, didaticamente, que a uma pessoa, num dado momento de sua evolução, seja outorgada uma organização adequada ao exercício mediúnico ostensivo: O aproveitamento desta oportunidade, através do uso responsável e equilibrado da concessão, acabará por aperfeiçoar os seus equipamentos de registro, adequando-os, ainda mais, para o trabalho em novas expressões com vistas ao futuro.

Revista "Presença Espírita ", set./out. de 1992.



"Em mediunidade não podemos olvidar o problema da sintonia. Atraímos os Espíritos que se afinam conosco, tanto quanto somos por eles atraídos; e se é verdade que cada um de nós somente pode dar conforme o que tem, é indiscutível que cada um recebe de acordo com aquilo que dá."

Livro "Nos Domínios da Mediunidade", capítulo 1.

"Indubitavelmente - concordava o Assistente Aulus - a mediunidade é problema dos mais sugestivos na atualidade do mundo. Aproxima-se homem terreno da Era do Espírito, sob a luz da Religião Cósmica do Amor e da Sabedoria e, decerto, precisa de cooperação, a fim de que se lhe habilite o entendimento. O orientador, de feição nobre e simpática, recebera-nos, a pedido de Clarêncio, para um curso rápido de ciências mediúnicas. Especializara-se em trabalhos dessa natureza, consagrando-lhes muitos anos de abnegação. Era, por isso, dentre as relações do Ministro, que se nos fizera patrono e condutor, um dos companheiros mais competentes no assunto. Aulus nos acolhera com afabilidade e doçura. Relacionando aflitivas questões da Humanidade Terrestre, pousava em nós o olhar firme e lúcido, não apenas com o interesse do irmão mais velho, mas também com a afetividade de um pai enternecido. Hilário e eu não conseguíamos disfarçar a admiração.

Era um privilégio ouvi-lo discorrer sobre o terna que nos trazia até ali. Aliavam-se nele substancial riqueza cultural e o mais entranhado patrimônio de amor, causando-nos satisfação o vê-lo reportar-se às necessidades humanas, com o carinho do médico benevolente e sábio que desce à condição de enfermeiro para a alegria de ajudar e salvar. Interessava-se pelas experimentações mediúnicas, desde 1779, quando conhecera Mesmer, em Paris, no estudo das celebres proposições lançadas a público pelo famoso magnetizador. Reencarnando no início do século passado, apreciara, de perto, as realizações de Allan Kardec, na codificação do Espiritismo, e privara com Cahagnet e Balzac, com Theophile Gautier e Victor Hugo, acabando seus dias na França, depois de vários decênios consagrados à mediunidade e ao magnetismo, nos moldes científicos da Europa. No mundo espiritual prosseguiu no mesmo rumo, observando e trabalhando em seu apostolado educativo. Dedicando-se agora a obra de espiritualização no Brasil, e isto há mais de trinta anos, comentava, otimista, as esperanças do novo campo de ação, dando-nos a conhecer a primorosa bagagem de memórias e experiências de que se fazia portador. Maravilhados ao ouvi-lo, mal lhe respondia-nos a essa ou àquela indagação. Conhecíamos, sim - informamos, respeitosos, em dado momento -, alguns aspectos do intercâmbio espiritual; todavia, o nosso desejo era amealhar mais amplas noções do assunto, com a simplicidade possível. Em outras ocasiões, estudáramos ao de leve alguns fenômenos de psicografia, incorporação e materialização, no entanto, era isso muito pouco, à face dos múltiplos serviços que a mediunidade encerra em si mesma.

O anfitrião, afável, aquiesceu em elucidar-nos. Colaborava em diversos setores de trabalho e prodigalizar-nos-ia aquilo que considerava, com humildade, como sendo "alguns apontamentos". Para começar, convidou-nos a ouvir um amigo que falaria sobre mediunidade a pequeno grupo de aprendizes encarnados e desencarnados, e em cuja palavra reconhecia oportunidade e valor. Não nos fizemos de rogados ante a obsequiosa lembrança. E, porque não havia tempo a perder, seguimo-lo, prestamente. Em vasto recinto do Ministério das Comunicações, fomos apresentados ao Instrutor Albério, que se dispunha a iniciar a palestra. Tomamos lugar entre as dezenas de companheiros que seguiam, atentos, em muda expectativa. Como tantos outros orientadores que eu conhecia, Albério assomou à tribuna, sem cerimônia, qual se nos fora simples irmão, conversando conosco em tom fraternal.

– Meus amigos - falou, com segurança -, dando continuidade aos nossos estudos anteriores, precisamos considerar que a mente permanece na base de todos os fenômenos mediúnicos. Não ignoramos que o Universo, a estender-se no Infinito, por milhões e milhões de sóis, é a exteriorização do Pensamento Divino, de cuja essência partilhamos, em nossa condição de raios conscientes da Eterna Sabedoria, dentro do limite de nossa evolução espiritual. Da superestrutura dos astros à infraestrutura subatômica, tudo está mergulhado na substância viva da Mente de Deus, como Os peixes e as plantas da água estão contidos no oceano imenso. Filhos do Criador, d'Ele herdamos a faculdade de criar e desenvolver, nutrir e transformar. Naturalmente circunscritos nas dimensões conceptuais em que nos encontramos, embora na insignificância de nossa posição comparada à glória dos Espíritos que já atingiram a angelitude, podemos arrojarmos de nós a energia atuante do próprio pensamento, estabelecendo, em torno de nossa individualidade, o ambiente psíquico que nos é particular. Cada mundo possui o campo de tensão eletromagnética que lhe é próprio, no teor de força gravítica em que se equilibra, e cada alma se envolve no círculo de forças vivas que lhe transpiram do "hálito" mental, na esfera de criaturas a que se imana, em obediência às suas necessidades de ajuste ou crescimento para a imortalidade. Cada planeta revoluciona na órbita que lhe é assinalada pelas leis do equilíbrio, sem ultrapassar as linhas de gravitação que lhe dizem respeito, e cada consciência evolui no grupo espiritual a cuja movimentação se subordina. Somos, pois, vastíssimo conjunto de inteligências, sintonizadas no mesmo padrão vibratório de percepção, integrando um Todo, constituído de alguns bilhões de seres, que formam por assim dizer a Humanidade Terrestre. Composto, assim, apenas humilde família, no infinito concerto da vida cósmica, em que cada mundo guarda somente determinada família da Humanidade Universal, conhecemos, por enquanto, simplesmente as expressões da vida que nos fala mais de perto, limitados ao grau de conhecimento que já escalamos. Dependendo dos nossos semelhantes, em nossa trajetória para a vanguarda evolutiva, à maneira dos mundos que se deslocam no Espaço, influenciados pelos astros que os cercam, agimos e reagimos uns sobre os outros, através da energia mental em que nos renovamos constantemente, criando, alimentando e destruindo formas e situações, paisagens e coisas, na estruturação dos nossos destinos. Nossa mente é, destarte, um núcleo de forças inteligentes, gerando plasma sutil que, a exteriorizar-se incessantemente de nós, oferece recursos de objetividade às figuras de nossa imaginário, sob o comando de nossos próprios desígnios. A ideia é um "ser" organizado por nosso espírito, a que o pensamento dá forma e ao qual a vontade imprime movimento e direção.

Do conjunto de nossas ideias resulta a nossa própria existência. O orador fez pequeno intervalo que ninguém ousou interromper e prosseguiu comentando: - Segundo é fácil concluir, todos os seres vivos respiram na onda de psiquismo dinâmico que lhes é peculiar, dentro das dimensões que lhes são características ou na frequência que lhes é própria. Esse psiquismo independe dos centros nervosos, de vez que, fluindo da mente, é ele que

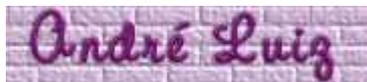
condiciona todos os fenômenos da vida orgânica em si mesma. Examinando, pois, os valores anímicos como faculdades de comunicação entre os Espíritos, qualquer que seja plano em que se encontrem, não podemos perder de vista o mundo mental do agente e do recipiente, porquanto, em qualquer posição mediúnica, a inteligência receptiva está sujeita as possibilidades e à coloração dos pensamentos em que vive, e a inteligência emissora jaz submetida aos limites e às interpretações dos pensamentos que é capaz de produzir.

Um hotentote desencarnado, em se comunicando com um sábio terrestre, ainda jungido ao envoltório físico, não lhe poderá oferecer notícias outras, além dos assuntos triviais em que Se lhe desdobraram no mundo as experiências primitivistas, e um sábio, sem o indumento carnal, entrando em relação com o hotentote, ainda colado ao seu "habitat" africano, não conseguira facultar-lhe cooperação imediata, senão no trabalho embrionário em que se lhe encravam os interesses mentais, como sejam o auxílio a um rebanho bovino ou a cura de males do corpo denso. Por isso mesmo, o hotentote não se sentiria feliz na companhia do sábio e o sábio, a seu turno, não se demoraria com o hotentote, por falta desse alimento quase imponderável a que podemos chamar "vibrações compensadas".

É da Lei, que nossas maiores alegrias sejam recolhidas ao contato daqueles que, em nos compreendendo, permutam conosco valores mentais de qualidades idênticas aos nossos, assim como as árvores oferecem maior coeficiente de produção se colocadas entre companheiras da mesma espécie, com as quais trocam seus princípios germinativos.

Em mediunidade, portanto, não podemos olvidar o problema da sintoma. Atraímos os Espíritos que se afinam conosco, tanto quanto somos por eles atraídos; e se é verdade que cada um de nós somente pode dar conforme o que tem, é indiscutível que cada um recebe de acordo com aquilo que dá. Achando-se a mente na base de todas as manifestações mediúnicas, quaisquer que sejam os característicos em que se expressem, é imprescindível enriquecer o pensamento, incorporando-lhe Os tesouros morais e culturais, os únicos que nos possibilitam fixar a luz que jorra para nós, das Esferas Mais Altas, através dos gênios da sabedoria e do amor que supervisionam nossas experiências. Procederam acertadamente aqueles que compararam nosso mundo mental a um espelho. Refletimos as imagens que nos cercam e arremessamos na direção dos outros as imagens que criamos. E, como não podemos fugir ao imperativo da atração, somente retrataremos a claridade e a beleza, se instalarmos a beleza e a claridade no espelho de nossa vida íntima. Os reflexos mentais, segundo a sua natureza, favorecem-nos a estagnação ou nos impulsionam a jornada para a frente, porque cada criatura humana vive no céu ou no inferno que edificou para si mesma, nas reentrâncias do coração e da consciência, independentemente do corpo físico, porque, observando a vida em sua essência de eternidade gloriosa, a morte vale apenas como transição entre dois tipos da mesma experiência, no "hoje imperecível". Vemos a mediunidade em todos os tempos e em todos os lugares da massa humana. Missões santificantes e guerras destruidoras, tarefas nobres e obsessões pérfidas, guardam origem nos reflexos da mente individual ou coletiva, combinados com as forças sublimadas ou degradantes dos pensamentos de que se nutrem. Saibamos, assim, cultivar a educação, aprimorando-nos cada dia. Médiuns somos todos nós, nas linhas de atividade em que nos situamos. A força psíquica, nesse ou naquele teor de expressão, é peculiar a todos os seres, mas não existe aperfeiçoamento mediúnico sem acrisolamento da individual idade. É contraproducente intensificar a movimentação da energia sem disciplinar-lhe os impulsos. É perigoso possuir sem saber usar. O espelho sepultado na lama não reflete o esplendor do Sol. O lago agitado não retrata a imagem da estrela que jaz no infinito. Elevemos nosso padrão de conhecimento pelo estudo bem conduzido e apuremos a qualidade de nossa emoção pelo exercício constante das virtudes superiores, se nos propomos recolher a mensagem das Grandes Almas. Mediunidade não

basta só por si. E' imprescindível saber que tipo de onda mental assimilamos para conhecer da qualidade de nosso trabalho e ajuizar de nossa direção." Albério prosseguiu ainda em seus valiosos comentários e, mais tarde, passou a responder a complicadas perguntas que lhe eram desfechadas por diversos aprendizes. Por minha vez recolhera largo material de meditação e, em razão disso, em companhia de Hilário, despedi-me dos instrutores com alguns monossílabos de agradecimento, ouvindo de Aulus a promessa de reencontro para o dia seguinte."



André Luiz